



## AMBIÊNCIA NA BRINQUEDOTECA: O LÚDICO COMO RECURSO DE DESCONSTRUÇÃO DE DESIGUALDADES DE GÊNERO

Vanessa Ferry de Oliveira Soares<sup>1</sup>  
Luciano Domingues Bueno<sup>2</sup>  
Maria Laura Barros da Rocha<sup>3</sup>  
Estefane Firmino de Oliveira Lima<sup>4</sup>

### RESUMO

A (des)construção do imaginário social acerca de gênero é um processo dinâmico, seja no âmbito social, cultural e da subjetividade do indivíduo. O ambiente lúdico de brinquedotecas é um espaço relevante para a análise da oferta de brinquedos, visto que estudos apontam a importância de problematizar brinquedos e brincadeiras, bem como suas influências nas práticas sociais no que tange às questões de gênero. Objetiva-se refletir criticamente acerca da disposição espacial do acervo lúdico em uma brinquedoteca hospitalar, relacionando-a ao brincar livre, a aspectos de gênero e à humanização, em especial a partir do conceito de ambiência. Trata-se de um estudo teórico, qualitativo, de natureza descritiva e interpretativa sobre o espaço da brinquedoteca T.E.C.A. Foi utilizada uma câmera fotográfica para registro do espaço físico, seguida de descrição da localização dos recursos lúdicos e compartilhamento com as/os integrantes da pesquisa para as reflexões acerca do material. As fotografias foram utilizadas como estratégia de documentação de arranjos no ambiente estudado. A ambiência encontrada na brinquedoteca pode ser compreendida como promotora de humanização e saúde. As alocações do acervo de forma alternativa aos padrões gênero diretos sustentam a criação de memórias e imaginários mais diversificados. As construções/organizações do espaço analisado possibilitaram uma interlocução na desconstrução de padrões que mantêm a desigualdade de gênero, contribuem com a melhor assistência à criança hospitalizada na unidade pediátrica e possibilitam a promoção de direitos desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Brinquedoteca, Brinquedo, Gênero, Ambiência, Humanização.

### INTRODUÇÃO

A categoria “Gênero” é alvo de estudos em diversas áreas de conhecimento, com grande diversidade de produção interdisciplinar nas Ciências Sociais e Humanas. Os conceitos de gênero e sexo aparecem em oposição. Enquanto “gênero” é compreendido, nas

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Psicóloga do HUPAA/UFAL, [psic\\_vanessaferry@hotmail.com](mailto:psic_vanessaferry@hotmail.com).

<sup>2</sup> Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso – UFAL/HUPAA, [lucianodbueno@gmail.com](mailto:lucianodbueno@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Bolsista CAPES. [laurabarrosrocha@gmail.com](mailto:laurabarrosrocha@gmail.com).

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas- UFAL, [estefane.lima@ip.ufal.br](mailto:estefane.lima@ip.ufal.br);

\* Artigo relacionado ao Projeto de Extensão “Território Encantado de Crianças e Adolescentes (TECA): Tecnologias Leves e o Cuidado Multiprofissional em Saúde em uma Brinquedoteca Hospitalar” da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).



ciências humanas, como uma dimensão subjetiva e cultural, relacionada à ideia do que é ser ‘mulher’ ou ser ‘homem’ em Sociedade, o “sexo” refere-se ao aspecto bio-fisiológico dos corpos humanos (OKA; LAURENTI, 2018).

Dessa forma, estudos de gênero partem de uma desnaturalização das relações entre homens e mulheres, realçando os aspectos socioculturais da construção e manutenção de desigualdades (MESQUITA; ALVES; MARTINS, 2011). Essa (des)construção do gênero e do imaginário social acerca dele é um processo dinâmico, em constante mudança, seja no âmbito macro (sociedade/cultura) quanto no âmbito micro (subjetividade do indivíduo). Nesse sentido, “o gênero é um projeto incessante, um ato diário de reconstrução e interpretação, tornando-se o lugar dos significados culturais, tanto recebidos, quanto inovados” (PADILHA, LEITÃO, 2011, p. 58).

Na infância, os brinquedos funcionam como produtos e produtores de expectativas e estereotipia de gênero, visto que os recursos lúdicos ofertados à criança dialogam com os posicionamentos de gênero estabelecidos na Sociedade. Nesse sentido, os brinquedos considerados socialmente como “para meninas” são objetos relacionados ao lar ou cuidado – como bonecas, panelas, fogão, por exemplo, preparando-as para uma vida doméstica, enquanto os ditos “brinquedos de menino” são aqueles que estimulam à competição e o exercício mental e físico, como bola, peças de encaixe ou jogos que exercitam à competição (BENTO, 2011).

O brinquedo emerge arraigado de sentidos culturais que se fazem disponíveis à criança. Ali, ao alcance de suas mãos, está o mundo, a ação, o imaginário. E neste ponto, se torna o cúmplice da criança, na elaboração de sua vida (KISHIMOTO, 1999). Nessa compreensão, os brinquedos podem constituir um campo de experiências, de criatividade; são objetos carregados de discursos, ideias, elementos culturais e sociais que interferem e alteram modos de o que é ser de meninos e meninas (LIRA; NUNES 2016). Assim, materializa-se a relevância de estudos que promovam a convergência de discussões de gênero com processos de produção e reprodução psicossocial presentes na dimensão do brincar.

As brinquedotecas são apontadas como um recurso para as crianças compreenderem o mundo, desenvolverem a subjetividade, encontrarem um equilíbrio afetivo e intelectual, na tentativa de adaptar-se ao ambiente desconhecido e ao mundo dos adultos (LIMA; SILVA, 2019). No contexto da saúde a Lei nº 11.104/2005 obriga a instalação de brinquedoteca hospitalares em hospitais brasileiros que oferecem atendimento pediátrico a crianças em regime de internação. Esta lei surgiu diante do movimento de humanização hospitalar, que entende o brincar como fator imprescindível para o desenvolvimento infantil e assegura o

direito de brincar da criança que está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A implementação de brinquedotecas hospitalares introduz um repertório lúdico de aprendizagem e desenvolvimento nas instituições de saúde, permite que o brincar possa ser utilizado como estratégia de intervenções psicossociais em processos de adoecimento e sofrimento - o que inclui a desigualdade de gênero.

Um acervo lúdico diversificado e sem ações diretivas reforça a autonomia da criança (ROCHA; BUENO; SOARES, 2019). Dessa maneira, o ambiente lúdico das brinquedotecas configura-se como espaço relevante para a análise da oferta de brinquedos, além da forma como o acervo está disposto aos olhos da criança. Para além disso, considera-se os estudos que apontam a importância de problematizar os brinquedos e as brincadeiras, transcendendo a questão física, nos comportamentos e significações que podem influenciar as práticas sociais no que tange às questões de gênero (LIRA; NUNES, 2016; KISHIMOTO; ONO, 2008).

Estudos sobre o prisma do brincar apontam para sua capacidade de produção de memórias e afetos com potencialidade de ressignificação de processos psicossociais relacionados a sofrimento (ROCHA; BUENO; SOARES, 2019). Com isso, podemos, a partir do lúdico, criar experiências e espaços potenciais de construção de memórias que confrontam construções reforçadoras de padrões de desigualdade de gênero.

A brinquedoteca Território Encantado de Crianças e Adolescentes (T.E.C.A.) é localizada em uma cidade do Nordeste, uma região brasileira historicamente marcada por altos índices de violência de gênero (IPEA, 2019). Segundo Atlas da Violência, divulgado em 2019, o qual analisa o período de 2007 a 2017, houve um crescimento de homicídios de mulheres no Brasil em 2017, com cerca de treze assassinatos por dia. Desse modo, questionar-se sobre os espaços e modos de construção de gênero na infância, principalmente em uma sociedade marcada por desigualdades, possui grande relevância acadêmica e social. Além disso, configura-se como um posicionamento ético-político alinhado com um compromisso de construção de espaços de brincar livre e que sustentem uma iniciativa de desconstrução de padrões associativos que podem desencadear sofrimento psíquico (LÚCIO, 2017).

Artigos produzidos anteriormente sobre a brinquedoteca T.E.C.A. apresentam sua implantação como uma estratégia de humanização e as potencialidades da promoção de saúde em espaços lúdicos hospitalares (MOREIRA et al., 2017; SOARES et al., 2018; SOARES et al., 2017; OLIVEIRA et al., 2017), além das relações de gênero emergidas no brincar (ROCHA; BUENO; SOARES, 2019). No presente estudo, volta-se o olhar para o espaço físico e como a sua organização se relaciona com as prerrogativas de humanização no Sistema Único de Saúde (SUS), em especial a partir do conceito de ambiência (BRASIL, 2008).

A política do SUS propõe a compreensão de ambiência pautada em três eixos básicos. São eles: a disponibilização de um espaço confortável; a organização do ambiente para facilitar os processos de trabalho; a compreensão de que há um espaço subjetivo, criado à partir do encontros entre as pessoas. Mesmo sendo uma distinção meramente teórica, entende-se que essa noção é necessária para pensar e ofertar um espaço lúdico apropriado. Tendo em vista esse fundamento, este estudo objetiva, através de uma metodologia descritivo-interpretativa, refletir criticamente acerca da disposição espacial do acervo lúdico em uma brinquedoteca hospitalar, relacionando-a ao brincar livre, à aspectos de gênero e à Humanização.

## **METODOLOGIA**

A metodologia consiste em um estudo teórico, qualitativo, de natureza descritiva e interpretativa do espaço da brinquedoteca T.E.C.A., localizada no setor pediátrico de um hospital universitário do nordeste brasileiro. Trata-se de um espaço que tem a realização de suas atividades assegurada pela equipe envolvida com o Projeto de Extensão “*Território Encantado de Crianças e Adolescentes (TECA): Tecnologias Leves e o Cuidado Multiprofissional em Saúde em uma Brinquedoteca Hospitalar*” (LÚCIO, 2017).

A adoção de fotografias como recurso metodológico apoia-se na compreensão de que o uso de imagens nas pesquisas científicas pode apresentar os seguintes enfoques: a fotografia como fonte de dados em si mesma, a fotografia como objeto de pesquisa ou como instrumento e resultado (SANTOS, 2000). No presente trabalho, a imagem surge como estratégia de documentação de arranjos no ambiente estudado.

### **Instrumentos e procedimento de coleta de dados**

Utilizando uma câmera fotográfica de *Smartphone* fez-se um registro fotográfico do espaço físico da Brinquedoteca. As fotografias resultantes foram compartilhadas com as/os integrantes da pesquisa, que participaram ativamente na descrição e nas reflexões acerca do material. Este processo transversalmente foi afetado pelo percurso de formação da equipe que, em distintos momentos (graduação, mestrado, extensão, estágio e residência) participaram do grupo multiprofissional que compõe a brinquedoteca TECA.

Nesse contexto, as fotografias funcionam como modo de registro para análise das formas como os brinquedos estavam organizados, para que pudessem ser observadas as disposições de recursos lúdicos que auxiliam na desconstrução de associações diretivas entre

gênero e brinquedos. A cristalização do espaço em imagens permite que o mesmo seja observado diversas vezes e de uma forma detalhada, não se restringindo ao local puramente físico.

Os materiais presentes na sala foram descritos, bem como a sua localização em referência aos recursos lúdicos socialmente percebidos como participantes da mesma categoria de “brinquedo de menina” ou de “brinquedo de menino”. Munidas/os de estudos acerca de gênero, brincar e desenvolvimento infantil, além das diretrizes sobre Ambiência do SUS, foram realizados apontamentos e reflexões críticas em relação à disposição de materiais na T.E.C.A., bem como as formas como pode ser produzida a construção de um ambiente lúdico menos diretivo e impregnados por estereótipos de gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao entrar na brinquedoteca T.E.C.A., as pessoas encontram um espaço diferente da realidade usual do hospital universitário em que está situada. É possível identificar a cor bege nas paredes e o chão, em tonalidades muito próximas, que dão um aspecto monocromático presente em outros recintos do hospital. No entanto, o aspecto de espaço sem individualidade, padronizado em uma estética clínica e estéril se quebra pelo encontro com outras cores. O bege se combina com azul, vermelho, amarelo, verde e um amplo espectro de outras cores, que agregam a ludicidade à ambiência.

Nas paredes existem cartazes, desenhos das crianças, diferentes tipos de colagem que parecem dar uma nova roupagem ao espaço arquitetônico, pensado inicialmente como apenas mais uma sala hospitalar. Com isso, são gerados subsídios para que as pessoas usuárias possam produzir e compartilhar memórias que confrontam imaginários acerca da instituição calcados em experiências menos humanizadas e humanizadoras (BUENO; ROCHA; OLIVEIRA, 2018).

Os brinquedos – guardados em caixas ou dispostos livremente – não são colocados em seu lugar aleatoriamente. A organização do espaço considera a construção e manutenção de um ambiente confortável para crianças e acompanhantes, além de um espaço que siga diretrizes de higienização, prezando à saúde das/os presentes. É possível constatar, ainda que a otimização da área para circulação e para a brincadeira é sistematizada, além da presença de cadeiras e tapetes para quem deseja ou precisa estar sentada/o.

Figura 1 – Ambiência, cores e a reinvenção do espaço hospitalar



Fonte: Autores, 2019.

O uso da própria arquitetura na assistência à criança hospitalizada em unidades pediátricas pode proporcionar bem-estar à criança e sua família, bem como facilitar o desenvolvimento do processo de trabalho dos profissionais de saúde (BERGAN e colaboradores, 2009). Em concordância com esses apontamentos, estudiosos têm apresentado o inter-relacionamento entre as ações arquitetônicas e a potencialização de situações de conforto, a atitude de inclusão e a constituição de espaços de saúde adequados às necessidades daquele que sofre (RONCHI; AVELLAR, 2015; BESTETTI, 2014).

Nesse sentido, discutir acerca do ambiente da brinquedoteca perpassa a reflexão sobre o conceito de ambiência no contexto do SUS, o qual refere-se “ao tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, resolutiva e humana” (BRASIL, 2008, p. 05). Ou seja, a ambiência é composta pelo meio material onde se vive e pelo efeito moral que o meio físico provoca no comportamento dos indivíduos (BESTETTI, 2014).

Uma revisão acerca da ambiência como estratégia de humanização da assistência em uma unidade de pediatria (RIBEIRO; GOMES; THOFEHRN, 2014), constatou que a constituição da Política Nacional de Humanização (PNH) propicia possibilidades para as instituições de saúde implementarem estratégias de construção de ambiências acolhedoras e harmônicas. Essas novas construções/organizações contribuíram para melhorar a assistência à criança hospitalizada na unidade pediátrica, nas relações de troca entre o profissional de saúde, a criança hospitalizada e seus familiares.



Figura 2 – Logística de armazenagem e a oferta dos brinquedos



Fonte: Autores, 2019.

Para manutenção da higiene da organização, alguns brinquedos são guardados em caixas plásticas transparentes, de modo que permitem a visualização do seu conteúdo, ao mesmo tempo em que o protegem do acúmulo de poeira. Assim, existem barreiras entre alguns brinquedos e a crianças, entretanto, isso ocorre por condição de logística de armazenamento seguro de brinquedos. Sendo transparente, as caixas continuam livres para serem abertas se for solicitado às/aos extensionistas ou mesmo a partir da ação da própria criança.

Identifica-se, ainda, que os brinquedos são organizados a partir de semelhanças. O *container* catalogado como “Brinquedos de Faz de Conta” (como pode ser observado na Fig. 2) possui, como o nome sugere, recursos lúdicos relacionados às brincadeiras de faz-de-conta – como panelinhas, utensílios de cozinha, comidas de plástico, secadores e escovas de cabelo, castelos menores, entre outros. Ainda que grande parte dos brinquedos presentes façam parte de um universo doméstico, essas associações são evitadas, uma vez que não são referidos como “brinquedos de meninas”.

Ao seu lado esquerdo está uma caixa com carrinhos, seguido de um fogão e uma penteadeira de plástico. Por ter um acervo mantido por doações, e devido a algumas tendências observadas no próprio mercado de brinquedos, grande parte das panelinhas e a



penteadeira tem o rosa como a única opção de cor. O fogão, por outro lado, apresenta cores mais diversas: azul, vermelho e amarelo.

Há uma historicidade da relação entre certas cores e uma atribuição à um gênero específico (ORÁCULO, 2015). Para tanto, da mesma forma que há a associação social entre brinquedos de casinha e como “brinquedos de meninas”, também é comum a associação do rosa como “cor para menina”, algo que pode inibir a escolha por parte dos meninos dos brinquedos se esta for a única opção de cor, o que não necessariamente aconteceria caso fosse outra coloração. Evidencia-se, portanto, que os brinquedos considerados socialmente como “de menina” necessitam de um processo de desconstrução de mais de um estereótipo.

Apesar de ser algo digno de nota, isto não é visto como um empecilho, mas sim um convite a entender as estratégias socioculturais de condicionamento da oferta do brincar que reforçam a desigualdade de gênero. Ao unir padrões de cores socialmente construídos como pertencentes a determinado público a brinquedos específicos, há um estabelecimento simbólico muito poderoso entre determinadas atividades lúdicas e a categoria de gênero. Associações essas que podem ser perpetuadas até a vida adulta, uma vez que brincadeiras relacionadas aos afazeres domésticos e do cuidado, a exemplo de boneca e comidinha, reforçam um lugar social associado ao feminino.

Figura 3 – A organização do acervo como forma de desconstrução de padrões



Fonte: Autores, 2019.

Na fotografia anterior (Fig. 3) sinaliza-se uma proposta de ambientação de espaço na qual tipos de brinquedo socialmente condicionados à padrões de gênero distintos são alocados conjuntamente, de maneira a produzir tensões em estereótipos compartilhados culturalmente. Desse modo, representam experiências mais diversas de associação dos componentes lúdicos,



o que pode interferir na oferta de composição de brincadeiras – mais plurais e diversas possíveis.

A fim de agregar maior possibilidade de reflexão sobre a ambiência discute-se sobre a importância do ambiente na estruturação psíquica da pessoa. Para o psicanalista inglês, um ambiente suficientemente bom possibilita ao bebê seu desenvolvimento provendo adequadamente suas necessidades (WINNICOTT, 1952/2000; 1954/2000; 1956/2000). Desse modo, percebe-se que uma boa ambiência propicia a oferta de cuidado e manejo adequados para que bebês, crianças e adolescentes caminhem em direção à integração, personalização e estabelecimento de relações de objeto.

O ambiente possui importância significativa na obra do psicanalista, entretanto, apesar de um ambiente suficientemente bom favorecer o progresso dos processos de desenvolvimento e maturação, ele não é determinante e sim constituinte. Ou seja, “o ambiente não faz a criança. Na melhor das hipóteses possibilita à criança concretizar seu potencial” (WINNICOTT, 1983/2007, p. 81).

Aliás, para Winnicott (1931/2000) o conceito de saúde não é compreendido como ausência de doença ou mesmo normalidade. Nesta teoria, desenvolver-se e ser saudável é tendência natural do ser humano e relaciona-se à capacidade de o indivíduo viver criativamente (FRANÇA; PASSOS; ROCHA, 2014).

Em seu artigo, Ronchi e Avellar (2015) indicam que os jogos, brinquedos e instrumentos musicais disponíveis em um serviço de atenção psicossocial favoreceram a intervenção dos profissionais ao possibilitar a comunicação com os pacientes por meios dos recursos lúdicos. Winnicott (1971/1975, p. 79) assinala que “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação”.

Nesse sentido, a brincadeira pode estar atravessada por aspectos socioculturais que condicionam a criação à padrões de gênero que mantém o caráter de assimetria de ofertas do espaço lúdico para meninos e meninas. Percebe-se que além de manutenção dessa desigualdade, há uma limitação na possibilidade de criação de repertórios lúdicos, o que reduz o raio de alcance de apreensão da diversidade humana que poderia ser desenvolvida no brincar.

Mendes, Novaes e Vilhena (2018) destacam que através da experiência adquirida a partir de um ambiente adaptado e não omissivo ou invasivo a criança pode agir. Assim, esse sentimento de provisão ambiental está diretamente articulado com a ideia do gesto espontâneo, da criatividade e com a saúde em Winnicott.

A disposição de mobiliários confortáveis e suficientes, um espaço de interação entre usuários e trabalhadores, bem como o uso das cores e artes é apontada como ações propulsoras de acolhimento (BRASIL, 2008). Na brinquedoteca, ao proporcionar uma alocação do acervo de forma alternativa a padrões gênero diretivos a modelos que sustentam desigualdades sociais, possibilita-se a criação de memórias e imaginários mais diversificados.

Figura 4 – Outros mundos: o brincar através da leitura



**Fonte:** Autores, 2019.

A brinquedoteca conta com um acervo de livros além de outros recursos lúdicos, que dividem espaço com a realidade hospitalar de aparelhos e procedimentos (Fig. 4). A partir dos diversos recursos lúdicos do espaço (brinquedos, jogos, materiais de desenho, pintura, livros, entre outros) uma equipe de extensionistas e os profissionais do setor pediátrico desenvolvem atividades lúdicas junto com crianças, adolescentes e suas/seus acompanhantes (BUENO, ROCHA, OLIVEIRA, 2018).

Os brinquedos e as brincadeiras são importantes espaços para a construção do gênero, como indicam pesquisas (RODRIGUEZ; PENA; FERNANDES, 2005; KISHIMOTO; ONO, 2008). A escolha de brinquedos e de brincadeiras por gênero e por sexo é um processo de socialização, formação da identidade, construção e criação dos estereótipos das crianças (KISHIMOTO; ONO, 2008).

A brinquedoteca é um ambiente que pode cumprir para crianças e adolescentes uma função análoga à do espaço potencial (WINNICOTT, 1971/1975), onde se suaviza a sensação

de perda, acompanhando e facilitando a comunicação de vivências de sofrimentos e dores. De acordo com o autor o espaço potencial é como uma área intermediária entre a realidade interna e externa, ou seja, um lugar das experiências ligadas aos fenômenos e objetos transicionais.

Um estudo realizado com crianças hospitalizadas salienta a importância em dispor de recursos materiais (incluindo a própria arquitetura) e humanos para melhor assistir a esses sujeitos. O recomendado é a participação ativa da criança na construção da ambiência através da inclusão de acessórios pessoais, como almofadas e quadros para configurar o melhor ambiente pediátrico (EISEN et al., 2008).

Figura 5 – Entre tecnologias leves e duras: as formas de cuidar se somam



Fonte: Autores, 2019.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi refletir criticamente acerca da disposição espacial do acervo lúdico em uma brinquedoteca hospitalar. Através de uma metodologia descritivo-interpretativa foi possível relacionar o brincar livre realizado na T.E.C. A, à aspectos de gênero e à Humanização. Cabe considerar que a brinquedoteca estudada é situada na região Nordeste do Brasil, marcada historicamente por altos índices de violência de gênero. Este

ambiente, por meio de sua ambiência, tem contribuído para a desconstrução de dos modos de construção normativos de gênero na infância.

Entende-se, assim, que espaços e modos de construção de gênero precisam ser discutidos de modo a intervir nas desigualdades estabelecidas no âmbito social. Nesse sentido, a relevância social e acadêmica deste artigo se confirma. Há, assim, um posicionamento ético-político, que permeia o espaço lúdico e propicia desconstrução de padrões impostos sobre gênero. Conseqüentemente, produz-se saúde mental, na medida em que padrões rígidos de gênero que podem gerar fragilidade emocional.

Examinar a ambiência possibilita avançar qualitativamente no debate acerca da humanização, pois sua concepção pressupõe tanto as tecnologias biologicista que compõem o serviço de saúde, como os componentes estéticos ou sensíveis apreendidos pelos órgãos do sentido – luminosidade, ruídos, a temperatura do ambiente e a interação entre usuários, trabalhadores e gestores (BRASIL, 2008). Desde modo, a ambiência encontrada na T.E.C.A., pode ser compreendida como promotora de humanização e saúde, também em sua interlocução na desconstrução de padrões que sustentam a desigualdade de gênero desde a infância.

Considera-se que a análise fotográfica realizada conseguiu demonstrar que através do uso da ambiência na saúde é possível pensar outros posicionamentos culturais, éticos e políticos. Dessa forma, padrões diretivos e reforçadores da desigualdade de gênero, presentes desde a infância e que podem alimentar configurações sociais não igualitárias para homens e mulheres podem ser identificados e modificados em ambientes hospitalares. O compromisso de um espaço de brincar livre foi observado, bem como a criação de brincadeiras e imaginários mais diversificados são facilitados.

Os resultados oferecem ainda uma contribuição não apenas a respeito da reflexão crítica de brinquedotecas hospitalares e a desconstrução de aspectos de gênero, mas também sobre a importância da Ambiência. No entanto, ressalta-se que este estudo não esgota as discussões possíveis acerca da disposição espacial de acervos lúdicos em brinquedotecas hospitalares ou de sua relação com o lúdico, os aspectos de gênero e os preceitos da Humanização. Por fim, faz-se necessária a constante reflexão sobre o espaço e suas potencialidades, assim como a construção de novos estudos e estratégias que auxiliem na promoção de saúde e desconstrução de desigualdades.

## REFERÊNCIAS

BERGAN, C. et al. Humanização: representações sociais do hospital pediátrico. **Rev Gaúcha Enferm [Internet]**, v. 30, n. 4, p.656-661, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v30n4/a11v30n4.pdf> Acesso em: 02 ago. 2019.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. Ambiência: espaço físico e comportamento. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 601-610, Sept. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13083>

BRASIL. **Lei Federal 11.104, de 25 de março de 2005**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm). Acesso em: 12 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde; Secretaria de Atenção à Saúde, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Ambiência [Internet]**. Brasília; 2008. Disponível em: <http://www.saude.sc.gov.br/hijg/gth/Ambi%C3%Aancia.pdf> Acesso em: 02 ago. 2019.

BUENO, L. D.; ROCHA, M. L. B.; OLIVEIRA, A. A. S. Brinquedoteca e reconstrução Sócio-Histórica de espaços potencializadores nos Hospitais: um relato de experiência. **GEP NEWS**, Maceió, v.2, n.2, p. 170-176, abr./jun. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/5258/3691> Acesso em: 02 ago. 2019.

EISEN, S. L.; et al. The stress-reducing effects of art in pediatric health care: art preferences of healthy children and hospitalized children. **J Child Health Care [Internet]**, v.12, n.3, p.173-190, 2008. Disponível em: <http://chc.sagepub.com/content/12/3/173.full.pdf> Acesso em: 12 set. 2019.

�PEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2019**. Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, Governo Federal do Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34784&Itemid=432](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432) Acesso em: 02 ago. 2019.

KISHIMOTO, T. M.; ONO, A. T. Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca. **Proposições**, v. 19, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n3/v19n3a11>. Acesso em: 02 ago. 2019.

LIMA, E. F. O.; SILVA, N. K. S. BRINQUEDOTECA HOSPITALARES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA. **GEP NEWS**, Maceió, a.3, v.2, n.2, p.245-251, abr./jun. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/7907/5745>. Acesso em: 02 ago. 2019.

LIRA, A. C. M.; NUNES, M. A. Ensinando a ser menina e menino: brinquedos e relações de gênero. **Revista Ensino & Pesquisa**, v.14, n.01, p.180- 200, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/849/534> Acesso em: 02 ago. 2019.

LÚCIO, I. M. L. Território Encantado de Crianças e Adolescentes (TECA): Tecnologias Leves e o Cuidado Multiprofissional em Saúde em uma Brinquedoteca Hospitalar – UASCA/HUPAA/UFAL. (Projeto de Extensão). ESENFAR. Universidade Federal de Alagoas. 2017.

MENDES, N., NOVAES, J.; DE VILHENA, J. A Experiência de Intervenção Grupal como Ambiente Facilitador em um Ambulatório de Cirurgia Bariátrica. **POLÊM! CA**, v.18, n.3,

p.107-128, 2018. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/viewFile/39429/27654> Acesso em: 02 ago. 2019.

MOREIRA, S. L. B. et al. A implantação da brinquedoteca como estratégia de humanização: relato de experiência. **GEP NEWS**, Maceió, V.1, n.4, p. 8-13, out./dez. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/4322> Acesso em: 02 ago. 2019.

OLIVEIRA, R. L. B et al. Atividades lúdicas como estratégia para a promoção da saúde bucal nas crianças e adolescentes hospitalizados. **GEP NEWS**, Maceió, v. 1, n. 4, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/4326> Acesso em: 02 ago. 2019.

ORÁCULO. Quando – e por que –o rosa se tornou cor de menina? **Super Interessante**, 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/oraculo/quem-inventou-que-rosa-e-cor-de-menina/> Acesso em: 02 ago. 2019.

SANTOS, P. L. A imagem enquanto fonte de pesquisa: a fotografia publicitária. **Iniciação científica Cesumar**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 63-68, ago./dez. 2000. Disponível em: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/icesumar/article/view/27> Acesso em: 02 ago. 2019.

RIBEIRO, J. P.; GOMES, G. C.; THOFEHRN, M. B. Health facility environment as humanization strategy care in the pediatric unit: systematic review. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 48, n. 3, p.530-539, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420140000300020>

ROCHA, M. L. B.; BUENO, L. D. SOARES, V. F. O. BRINQUEDO DE MENINA E DE MENINO: REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS EM UMA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR. **GEP NEWS**, Maceió, v.2, n.2, 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/7905>. Acesso em: 02 ago. 2019.

RODRIGUEZ, M. C.; PEÑA. J. V.; FERNANDEZ, C. M. Gender discourse about an ethic of care: nursery schoolteachers' perspective. **Gender and Education**, v. 18, n. 2, p. 183-98, 2006.

RONCHI, J. P.; AVELLAR, L. Z. Ambiência no atendimento de crianças e adolescentes em um CAPSi. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 379-396, ago. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n2/v21n2a10.pdf> Acesso em: 02 ago. 2019.

SOARES, V. F. O. et al. Extensão Universitária em Ludoterapia: passos para s SUS Humanizado que Desejamos. **GEP NEWS**, Maceió, v. 2, n. 2, 2018. Disponível em: [www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/download/5238/3671](http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/download/5238/3671) Acesso em: 02 ago. 2019.

SOARES, V. F. O. et al. RESSIGNIFICAÇÃO DO BRINCAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O IMPACTO DE UMA BRINQUEDOTECA NA ROTINA DE CUIDADOS NO HOSPITAL. **GEP NEWS**, Maceió, v. 1, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/viewFile/3511/2553> Acesso em: 02 ago. 2019.

WINNICOTT, D. W. Ansiedade associada à insegurança. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 163-167. (Publicado originalmente em 1952).

WINNICOTT, D. W. Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 375-392. (Publicado originalmente em 1954).

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. In: WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 399-405. (Publicado originalmente em 1956).

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, p. 79-87. (Publicado originalmente em 1963).

WINNICOTT, D. W. Nota sobre normalidade e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000, p. 57-76. (Publicado originalmente em 1931).

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Publicado originalmente em 1971).